



EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS: TICS, ESCOLA E FAMÍLIA NO SÉCULO XXI

Sandra Maria Teixeira Gradim¹

RESUMO

As Tecnologias da Informação e Comunicação são nesse início de século XXI o principal passaporte rumo à inserção ao mundo da informação, bem como ao modo de diálogo entre os sujeitos. Partindo desse pressuposto o contexto educacional encontra-se num patamar um tanto quanto desprivilegiado, ao considerar que a escola a qual conhecemos retoma aos modelos do século XIX, os professores e metodologias do século XX, com alunos do século XXI que já participam do mundo digital e tecnológico muito antes de frequentarem à escola. Nesse contexto o objetivo deste estudo consiste em apresentar constructos teóricos que aliem as TICs, a escola e a família do século XXI em prol de uma educação ideal. Mediante ao exposto, o estudo apresentado não esgota as possibilidades de vantagens e ponderações que são fundamentais ao processo de ensino e aprendizagem. Até porque tanto a família quanto a escola são mediadoras e facilitadores nesse processo e precisam refletir suas ações e modos de ensinar, pois os sujeitos aprendizes merecem cuidado, proteção e direção.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação e Comunicação; Escola; Família.

RESUMEN

Las Tecnologías de la Información y la Comunicación son a principios del siglo 21 el principal pasaporte hacia la inserción en el mundo de la información, así como el modo de diálogo entre los sujetos. Sobre la base de esta suposición, el contexto educativo es algo desfavorecido, considerando que la escuela que conocemos retoma los modelos del siglo 19, los maestros y las metodologías del siglo 20, con estudiantes del siglo 21 que ya participan en el mundo digital y tecnológico mucho antes de asistir a la escuela. En este contexto, el objetivo de este estudio es presentar constructos teóricos que alinean las TICs, la escuela y la familia del siglo 21 a favor de una educación ideal. De acuerdo con lo anterior, el estudio presentado no agota las posibilidades de ventajas y ponderaciones que son fundamentales para el proceso de enseñanza y aprendizaje. También porque tanto la familia como la escuela son mediadores y facilitadores en este proceso y necesitan reflejar sus acciones y formas de enseñanza, porque las asignaturas de aprendizaje merecen cuidado, protección y dirección.

Palabras clave: Tecnologías de la Información y la Comunicación; Escuela; Familia.

ABSTRACT

Information and Communication Technologies are at the beginning of the 21st century the main passport towards the insertion into the world of information, as well as the mode of dialogue between the subjects. Based on this assumption, the educational context is somewhat underprivileged, considering that the school we know takes up the models of the 19th century, the teachers

¹ Licenciatura Plena em Pedagogia _ supervisão Escolar pela UFES (Universidade Federal do Espírito Santo); Pós-graduação (Especialização em ADM Escolar) pela Universidade Salgado de Oliveira Filho. Mestrado em ciências da educação (UPAP); Doutorado em ciências da Educação (UPAP). E-mail: sandraconecsan@hotmail.com



and methodologies of the 20th century, with 21st century students who already participate in the digital and technological world long before attending school. In this context, the aim of this study is to present theoretical constructs that line The TICs, the school and the family of the 21st century in favor of an ideal education. According to the above, the study presented does not exhaust the possibilities of advantages and weightings that are fundamental to the teaching and learning process. Also because both the family and the school are mediators and facilitators in this process and need to reflect their actions and ways of teaching, because the learning subjects deserve care, protection and direction.

Keywords: Information and Communication Technologies; School; Family.

INTRODUÇÃO

O contexto familiar, que representa a base estrutural, é o primeiro arcabouço sociocultural da criança, que encontra (ou que deveria encontrar) afeto e valores para o convívio em sociedade. E a escola por sua vez tem a atribuição de auxiliar na aquisição dos conhecimentos culturais e formativos. Pois é neste ambiente que existem mecanismos que prepara o sujeito a tornar-se cidadão ético para exercer seu papel social com responsabilidade.

Para atingir tais objetivos é fundamental a participação da família no desenvolvimento de algumas aptidões emocionais, como a confiança, a curiosidade, a intencionalidade, a persistência, o autocontrole, a comunicação e a cooperatividade[...]. (BARRETO et al, 2005, p. 160).

A participação da família na escola é de extrema importância, devido ao fato de que essa interação proporciona a descoberta de estratégias mútuas, tendo em vista o desenvolvimento do sujeito. Conseqüentemente, frente às mudanças de comportamento como resultado da inevitável, relação com as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), em muito facilita a ação de ambas as partes.

Em busca dessa parceria, alguns municípios Brasileiros têm estabelecido no calendário escolar o “Dia da Família na Escola”, onde são realizadas atividades para o estreitamento dos laços entre essas duas estruturas sociais. Contudo, observa-se que algumas famílias, por diversos motivos, têm reduzido ou abandonado a participação no ambiente escolar. E frente a este desafio, a escola encontra-se na necessidade de buscar estratégias para estimular a participação efetiva dessas famílias na educação de seus filhos a fim de que não haja prejuízos futuros.



Cordié (1996, p. 11) salienta que a escola dentre suas atribuições, precisa explicar e demonstrar rendimentos dos alunos, e o uso das novas tecnologias da informação e comunicação facilitam esse processo, pois aluno motivado é sinônimo de participação.

Dessa forma, este artigo tem a meta de apresentar constructos teóricos que aliem as TICs, a escola e a família do século XXI em prol de uma educação ideal. Justifica-se o interesse pela temática, tendo em vista que a tecnologia da informação e comunicação torna-se uma aliada aos educadores na eficácia de manter a relação familiar-escola bem como no aprimoramento de seu desempenho quanto espaço de transformação e saber para o bom desenvolvimento do educando, por meio das mídias sociais e recursos digitais.

ESCOLA E FAMÍLIA NO SÉCULO XXI

Trabalhar a educação nos dias atuais, tanto a nível individual como a nível do coletivo, em um momento em que as duas partes envolvidas nesse processo escola e família devem estar passando por uma revisão de suas competências, suas responsabilidades, onde o profissional da educação, o professor deve revisar sua prática pedagógica, buscando fazê-la de uma forma mais realista.

Compreende-se que os valores, assim como os comprometimentos a nível pessoal do docente reflete e é decisivo na relação que é estabelecida entre a escola e a família, onde é relevante se atentar que no espaço escolar se faz necessário atitudes que não dependem mais de uma formação na família, ou somente da família, e sim, uma questão que hoje se torna obrigatória a atitude dos docentes estarem trabalhando e ensinando valores. Não convém ficar pensando em uma escola que foi do século passado, é necessário se pensar em uma nova escola, em um fazer educação diferente, conivente com os tempos atuais, considerando o conceito e o papel da família de hoje, e não a que foi ou que gostaríamos que ainda fosse.

É notório que a escola passa a servir como apoio a família na função de estar transmitindo saberes, conhecimentos sobre ciências, que as famílias não dominavam, porém, da mesma forma que a sociedade passou por transformações, as famílias, a escola tem que se adaptar a esses novos modelos. A escola assume no mundo contemporâneo não só a obrigatoriedade e/ou



responsabilidade acerca do conhecimento científico, mas também cabe agora a ela o processo de ensinar valores, ética e acima de tudo o respeito em relação uns para com os demais.

Verifica-se que os professores vivem insatisfeitos com a educação nos dias atuais, acreditam que estão assumindo mais do que deveriam assumir, porém, nesses aspectos, não é um privilégio só deles, os próprios profissionais de saúde passam assumir um cuidado com essas famílias que vão além dos postos de saúde, onde muitas vezes tem a obrigação de fazer uma busca desses pacientes para ministrar uma simples vacina. É o mundo contemporâneo que passa a fazer essa exigência dos profissionais em relação as famílias. A cada dia as crianças estão indo mais cedo para a escola, pois os pais precisam deixar seus filhos em algum lugar para poderem trabalhar, e conseqüentemente têm menos tempos com seus filhos.

E o professor acaba por assumir esse papel de cuidador, educador, e que oportunize a esses alunos as melhores condições possíveis para aprender, sem desconsiderar que esse passa a ser controlado e vigiados por todos os segmentos da sociedade.

As estruturas familiares hoje extremamente diversificadas onde o filho na maioria das vezes tem pais diferentes, pais que vieram de outros relacionamentos e trazem filhos, fazendo uma família que não é por questões de laços sanguíneos, parentais, mas sim, por questões de relacionamentos. A família já não tem mais a composição de outrora, famílias “certinhas”, onde as normas eram impostas e obedecidas, com as campanhas de defesa a liberdade, essa veio mais com caráter de libertinagem e omissão.

No que se refere aos limites, disciplina, na maioria dos casos, as famílias sentem dificuldades ou mesmo não sabem como colocar limites, não sabem como fazer, por outro lado os mais jovens acusam os mais velhos por seus erros e jogam contra isso e os pais por falta de estrutura acabam por se “sujeitar” aos seus filhos e ficam sendo permissivos a situação.

As famílias não sabem mais o que fazer, e isso acaba por refletir na escola, como essas crianças e jovens vem de uma situação familiar onde desconhecem o que significa limites, regras, onde fazem o que querem. Em contrapartida os educadores a cada dia com menos tempo para planejar, se preparar, organizar, ter um olhar singular para cada aluno, atender aos pais de forma



singularizada e particular, se encontram com muitas funções e atarefados. Muitas vezes esses pais professores se encontram uma única vez no ano, ao final do ano, para passar notas, dizer se foi aprovado ou não e nesse momento às vezes fala do comportamento do aluno.

O professor mesmo vê a escola com um olhar negativo, onde é um corre-corre, um local gerador de estresse e insatisfações, onde não são reconhecidos e nem valorizados, e muito menos uma remuneração digna, assim, entra-se em uma situação onde a “escola” passa a ser uma ambiente onde não há estímulo, que se acredita que nessas condições qualquer pessoa pode dar aula, e os profissionais envolvidos passam a ter uma visão de que mudança não é possível, ou que eles não sentem mais ânimo e nem vontade de promover essas mudanças, e conseqüentemente dentro dessa postura se verifica a falta de comprometimento por parte desses profissionais que irá refletir diretamente no processo de ensino aprendizagem.

Segundo Loch (2008, p. 06), a família é um lugar de encontrar, conhecer, amar, cuidar e educar, um centro educativo por excelência. É na família que a vida do filho é construída.

Muitas crianças fora da escola embora, algumas frequentam, outras são obrigadas a trabalhar para sustentar sua família, muitos jovens não concluem seus estudos para trabalhar manter-se, mediante o descaso dos pais, da falta de comprometimento e da valorização do trabalho escolar, no qual, a organização familiar passa por transformações.

A família é responsável pela educação das crianças de proteger, de cuidar, de se doar e receber amor, de afeto, de cultivar valores e atitudes refletidas na confiança, respeito e compreensão, estabelecendo lações afetivos, princípios e dignidade que possam ser refletidos na escola e na sociedade.

As crianças devem exercitar esses valores, suas tradições, seus hábitos e sua cultura, que servem de bom na tomada de decisões de suas ações e relações na sua vida, que precisam ser reconhecidas e conservadas.

Sabe-se que cada família tem seu modo de ser, sua especialidade, seus valores, algo comum que a identifica, pois, a família é um ninho, espaço de reunir, da união, da partilha, de colaboração, do diferente, do respeito ao outro, logo, os pais devem ser espelhos para os filhos por meio do exemplo e do estímulo para conduzir suas experiências de vida e suas escolhas.



Loch diz que (2008, p. 15): “... Para que os filhos mantenham vivos dentro de si os valores que identificam sua família, é necessário que tenham a seu lado pai, mãe e adultos com que possam compartilhar valores”.

Na escola, os professores e os pais devem manter vínculos afetivos, expressar suas sensibilidades, sua amizade, considerações, bom senso, solidariedade e ética entre si, para com as crianças, considerando que são formadores e facilitadores do modo de ser, de fazer, de conviver, de sentir, agir, atuar e transformar a educação das crianças, juntos, como mediadores, precisam interferir e motivar as crianças no assumir suas responsabilidades e seus atos, da compreensão mútua.

Deste modo, o papel da família na escola deve ser de incentivo, de motivação, de perspectivas, de interferências, de aprendizagem, no sentido de somar e retribuir sua lealdade, paciência, sinceridade e tolerância para melhor desempenho pessoal e cultural das crianças na escola.

De acordo com Souza (2008, p. 16), a família deve ser ninho, lugar para relacionamentos respeitosos, reconhecida como um espaço de reunião, diálogo respeito ao outro, união e comunhão.

A escola prioriza maior empenho e compromisso dos professores no convívio com os pais que procurem manter um relacionamento amigável, evitar desentendimentos, do respeito às diferenças, às suas posições, que controlem as suas emoções e não use do seu poder e da sua autoridade.

No entanto, também sejam capazes de entender suas preocupações, respeitando suas mágoas e desabafos, assim, nunca entrar em confronto, mas contornar as situações de conflitos, sempre com calma e tolerância nos momentos difíceis, repassando tranquilidade e equilíbrio.

Poucas famílias respeitam os professores sua maneira de ensinar, às vezes pela falta de conhecimento, apatia, desentendimentos, imposições que afastam e destroem a relação afetiva, porém, a escola deve oportunizar o bem-estar, harmonia, limites, normas, conselhos, orientações e conhecimentos, que despertem o prazer e a alegria dos pais contarem com ela, de mudar suas opiniões e aprender a conviver.

A escola desenvolve a parceria com os pais, pois a família precisa ser orientada informada e conquistada ampliar visando suas aprendizagens, seus



conhecimentos, sentimentos, desejos, de novos significados, pois se entende “que cada ser é único e merece respeito” (SOUZA, 2008, p. 28).

Neste contexto, a escola e a família devem caminhar juntas, tornando-se necessária que a família desenvolva atitudes em relação à aprendizagem escolar e também seu desenvolvimento pessoal, que as crianças consigam formar seus conceitos, que esses sejam aceitos na sociedade.

Logo, também se desenvolvam, com autonomia, responsabilidade em seus atos e compreendam que existem limites para as suas ações, orientando no cumprimento dos seus direitos e deveres, que possa desencadear novas atitudes, condutas e comportamentos.

Neste contexto: “os limites estabelecidos... na educação dos filhos... eles têm influência no desenvolvimento da personalidade, estabelecem o comportamento da criança e facilitem a socialização em todos os meios pelos quais ela passa” (SOUZA, 2008, p. 24).

Os pais e professores devem influenciar nas atitudes das crianças no modo de se relacionar consigo com os outros e no meio social no sentido de correção, de zelar, de impor limites e que aprendam agir e atuar no mundo.

A escola define suas normas e regras como família reforçando os princípios e valores, em que os pais devem compreender e respeitar, não somente criticar, mas manter uma relação de respeito e não colocar em dúvida a prática educativa, subestimando as crianças, favorecendo para desenvolver ações contrárias.

Hoje, a família deve desenvolver espaço para buscar conhecer seus filhos, como se comportam e se relacionam com os outros na escola, ao interagir com as crianças terá a oportunidade de tirar, suas conclusões e ajudar em suas dificuldades de comportamentos evitando ações radicais, de agir de acordo com o humor, mas aprender a tolerar suas frustrações, definindo suas regras, que estão associadas às ações da família.

No cotidiano escolar, muitas vezes as crianças apresentam comportamentos agressivos, dispersos e de comodidade, que interferem no processo, educativo, também desrespeitam regras, demonstram desinteresse, porém, como crianças desconhecem a gravidade dos seus atos.

Cabendo aos pais orientar, informar, conversar, de maneira segura e firme seus posicionamentos, para que aprendam a ser, conviver e fazer, de forma



harmoniosa consigo, com os outros na escola e no seu meio social, jamais desistirem de educar seus filhos.

Segundo Souza (2008, p. 28): Os pais, ou responsáveis procurem fazer que os filhos desenvolvam a cultura do equilíbrio entre o prazer e o dever, o individual e o coletivo, enfim, o exercício dos seus direitos e deveres.

Contudo, as ações, atitudes, conselhos, diálogo, amor, tolerância precisam partir da família, por meio de gestos, observações e das experiências vividas, de forma solidária honesta e respeitosa.

No sentido que não se tornem apenas expectadores nas situações de conflitos, mas estabeleçam limites e orientação no cumprimento de regras, influenciando na superação de suas dificuldades e/ou fracassos, fortalecendo sua identidade.

Enquanto a escola propicia a aquisição de conhecimentos, porém há situações que precisa ultrapassar os muros escolares no qual, o professor como mediador do conhecimento tem interesse no acompanhamento da família, nas dificuldades, na execução das tarefas, na dispersão e desinteresse de aprender.

Deste modo, a comodidade e a ausência dos pais no desenvolvimento intelectual da criança acabam prejudicando em sua formação, ou seja, de compreender seus limites, suas decisões, seus anseios, interferências, suas reações, já que os pais precisam favorecer seu crescimento físico, emocional e de conhecimentos, motivando-a para melhoria na interação e no seu desempenho na escola e na sua vida.

As crianças que são estimuladas e motivadas pelos pais em seus estudos e na sua realização pessoal, aproveitam as oportunidades de ensino, apresentam mais facilidade de entender o que lhe é ensinado, favorecendo seu relacionamento com as outras crianças e os professores total em um equilíbrio e estimulando a vontade de aprender.

Segundo Loch (2008, p. 21): “as atitudes das pessoas que fazem parte do convívio da criança, o amor que recebe, a forma como os pais ou responsáveis a educam podem ter impacto profundo na construção da sua autoestima”.

Na escola, por meio de atividades diversificadas de projetos e aulas interessantes as crianças vão aprendendo, expressando sua maneira de compreender seu universo, desenvolvendo sua capacidade de pensar de aprender e



conquistar seu espaço, frente às oportunidades e possibilidades oferecidas pelos professores.

Também, desenvolvem o prazer de aprender de conhecer coisas novas, de reviver outro mundo espaço que encontram tranquilidade, direção e ajuda, nas situações de aprendizagem, possibilitando seu bem-estar, que venha contagiar a família.

A família deve perceber que a criança está mudando a si e aos outros, apresenta calma e segurança no que faz, no seu agir e nas suas atitudes, sente-se alegre, serena, aberta ao diálogo, no qual, deve elogiar e fortalecer a autoconfiança, seja valorizado e reconheçam suas potencialidades.

Atualmente, a escola vem programando ações educativas e projetos nos momentos de encontro com os pais, trabalhando os valores humanos, informações necessárias e autoestima. Promovendo a ajuda e a superação de problemas familiares e sociais, que tragam benefícios no relacionamento com seus filhos, com os professores e amigos da escola, buscando esclarecer suas dúvidas e preocupações, com atenção e respeito.

Segundo o 7º princípio dos direitos da criança: toda criança tem direito de receber educação gratuita, e também de qualidade, para que possa ter oportunidades iguais para desenvolver suas habilidades.

Os professores sempre procuram os pais, para reclamar, conversar assuntos particulares, repassar acontecimentos, expor os resultados positivos e/ou negativos do desempenho das crianças, porém alguns pais até escutam e prometem solucionar, mas outros ignoram e ficam até irritados, atitudes que caracterizam a falta de colaboração, porém eles esperam maior compreensão no reconhecimento de suas falhas e que auxiliam seus filhos para seu avanço, mas sempre deixam a desejar.

Embora, tem família que participam, respeitam e são parceiros da escola, apoiam e colaboram no processo de ensino-aprendizagem, valorizam os meios e condições de ensino, reconhece as intervenções no comportamento e no aprendizado, do esforço no elevar o nível de aprendizagem das crianças, fortalecendo sua relação na escola.

Segundo Loch (2008, p. 18): Pais e professores desenvolvem ações educativas frente os desafios de educar crianças... devem atuar juntos, isto é, reforçando alguns princípios básicos.



Atualmente vive-se a falta de humanização e de tribulações que afetam as pessoas, que influenciam na desunião na falta de respeito, na violência, no convívio familiar, escolar e social que causam efeitos negativos no relacionamento mútuo no diálogo, na socialização dos valores e dos princípios morais, que reagem ao equilíbrio das atitudes, ações e hábitos das pessoas que influencia nas interferências da família com a escola.

Para Chalita (2001, p. 119): “a educação é um processo lento de lapidação de uma pedra bruta de inestimável valor, que precisa ter um grande número de facetas polidas que a façam brilhar, que realcem sua beleza intrínseca”.

Dessa forma, a família e a escola devem transmitir “a segurança, a autoestima e a aprendizagem da criança”, tendo como foco as crianças reforçando os conceitos apreendidos, conteúdos trabalhados, hábito do estudo, realização das tarefas escolares, jamais fazer e dar respostas prontas, para que descubram o valor e o sentido do aprender e possa sanar suas próprias dificuldades, sem cobranças, sem pressão, sem autoritarismo.

A escola deve se sentir comprometida e estimulada acerca das mudanças possíveis e principalmente quanto a formação humana e cidadania, se a escola e a família são os dois principais pontos de apoio na formação humana e se elas não se responsabilizarem e se comprometerem o que irá acontecer com os indivíduos?

Assim, nos dias atuais a escola, o professor deve se reorganizar, se redefinir enquanto função e papel, buscando dessa forma novas práxis pedagógicas, onde deverá em conjunto com o aluno e família buscar e ter uma esperança de mudança.

Família e escola como o educador e filósofo Mário Cortella faz uma reflexão acerca dos papéis da família e da escola no que se refere a “educação”. Chama atenção, para as mudanças ocorridas não só em relação à escola, mas como a própria família, onde essa deixa de ter um modelo e passa a ter modelos e com isso acaba por refletir na educação dos filhos. Há muito que os pais perpassam a tarefa de educar para a escola, mais objetivamente para os professores e isso acaba por comprometer não só a escolarização, mas também a responsabilidade dos pais. Com a transformação política e social, a necessidade de que os pais (mãe e pai) passaram a ter que se ausentar para trabalhar, a própria omissão dos pais.... O governo tenta suprir essa “educação”



agregando a seus currículos escolares outros temas considerados pertinentes como também disciplinar seus alunos. Atualmente vem se apresentando uma proposta nova que são das escolas de tempo integral, onde se assume de vez a responsabilidade do “educar” como função primal da escola.

Cortella chama atenção que o educar ainda é e sempre deverá ser função da família, considerando ainda que diferente de uma família o professor tem em sala de aula cerca de 35 a 40 alunos, tornando essa tarefa bem mais complexa e difícil. O que a escola deve buscar é um estreitamento de relação com a família. Mesmo considerando a tecnologia, ou seja, o impacto que essa acaba por afetar a escolarização bem como a educação, a escola deve buscar um diálogo maior com a família a fim de fazer com que a escola e a família se tornem atraentes para os alunos/filhos.

A escola tem que estar sintonizada, antenada para acompanhar as mudanças, assim, como a família, mas isso não quer dizer que se deverá deixar para traz o passado, porém ser capaz de distinguir o que precisa ser protegido e o que se torna obsoleto e deverá ser deixado.

É necessário que a escola assuma somente o seu papel, já que nos últimos trinta anos ela vem acumulando responsabilidades e tarefas não pertinentes a ela e por outro lado oportunizar que a família resgate as suas responsabilidades no papel de educar os filhos. É preciso ressaltar que a escolarização é apenas uma parte da educação. A escola forma e a família educa. A família precisa se conscientizar e retomar o papel de educar, porque ter um filho realmente dá trabalho, os filhos precisam do contato com os pais, de um diálogo, da afetividade. Sem isso eles vão continuar confundindo desejo com direito. É necessária uma educação mais firme, objetiva, porém isso exige tempo e questão de prioridade e responsabilidade.

Dessa forma, comungo a visão de Cortella, que as famílias veem a escola como alternativa para educar os seus filhos, os professores como cuidadores de seus filhos. No período de férias os pais lamentam ter que se “virarem” com seus filhos. É necessário resgatar o papel da escola, a escola é escola e não cuidadores de seus filhos. O horário da escola é da escola, os pais precisam se organizar para estarem com seus filhos, cuidar e educar.



Devem procurar se ouvir mais, para de jogar a culpa uma na outra e se verem como inimigas, e sim, juntar as forças para termos uma educação que atenda a necessidade da família, sociedade e escola.

O RELACIONAMENTO ENTRE PAIS E PROFESSORES

O relacionamento entre os pais e a escola normalmente é marcado por conflitos. Neste contexto, algumas vezes esse relacionamento ocorre de forma artificial e de forma negligente.

A escola se defende quando é questionada sobre a parcela de contribuição no afastamento dos pais. A conclusão a que geralmente chega é a de que os pais não se aproximam da escola devido ao desinteresse pelas questões relativas à vida escolar do filho.

Assim, muitas vezes, a própria escola se fecha nesse discurso e não busca formas de comunicação com os pais, por não acreditar nesta aproximação; prefere permanecer como a visão preconceituosa sobre os pais e a comunidade.

Szymanski (1999) enfatiza que:

No depoimento de professores ou membros da equipe escolar acerca de que as famílias são 'desestruturadas', desinteressadas, carentes e, no caso de comunidade de baixa renda, violentas. Tais condições constituem-se numa 'explicação' fácil para o insucesso escolar de algumas crianças. (SZYMANSKI, 1999, p.17).

Assim, verifica-se um constante conflito que desencadeia um jogo de culpas entre escola e família. Quando se instala o fracasso escolar, o baixo rendimento e a dificuldade de aprendizagem, os pais culpam a escola e os educadores, os educadores culpam a negligência dos pais.

É afirmado por vários educadores que quanto mais à família e a escola estiver afinada a respeito do que deve ser o processo educativo, mais os alunos tendem a ganhar em aprendizagem, pois se cria uma complementaridade entre o que ocorre em casa e na sala de aula.

Cabe à escola criar tais condições e buscar um encontro, um intercâmbio que permita superar os conflitos e o jogo de culpas.

Na visão de Pinheiro (2009):



Muitos professores apontam à ausência dos pais, seu descomprometido com a questão de formação moral e aprendizagem dos filhos, como uma das grandes dificuldades da escola. Não há dúvidas de que os pais devem participar da escolaridade de seus filhos, porém a aprendizagem não é responsabilidade direta das famílias, não se pode esperar que os pais procedessem à alfabetização das crianças ou que os auxiliem a superar as dificuldades. Mas é compromisso de os pais acompanharem o processo vivido pelos filhos, dialogar com a escola, assumir o que lhes é de sua responsabilidade (PINHEIRO, 2009, p. 34).

A conscientização do papel dos pais é importante na medida em que é necessário não se criar na escola um quadro de culpa sobre os pais nos problemas de aprendizagem. Mesmo que exista uma situação de analfabetismo por parte dos pais, estes poderão ser incentivados a motivarem seus filhos a enfrentar os desafios do ensino-aprendizagem.

Patto (1997) considera que:

Os professores e a escola não estão levando em conta, os resultados de pesquisas que reiteradamente o interesse e o empenho das famílias de baixa renda no sentido de garantirem aos seus filhos o máximo de escolaridade possível. Os arranjos organizacionais concretos, as práticas participativas previstas, as condições, os recursos e as possibilidades reais de participação podem conduzir a situações objetivas e subjetivas convidativas e facilitadoras da não participação (PATTO, 1997, p. 122).

As famílias carentes não estimulam seus filhos porque não obtiveram experiências anteriores no fortalecimento de ações para conduzir os filhos, na medida em que em sua maioria não experimentaram experiências escolares. Por isso operam, habitualmente, como as ideias predominantes que circulam em seu meio social.

Não só por essa razão, mas também porque as famílias têm direitos de compartilhar efetivamente a responsabilidade de formação a partir do estabelecimento de um diálogo acerca da proposta pedagógica desenvolvida, as expectativas e problemas referentes à aprendizagem, assim como conhecer os papéis que cabem à escola e à família, respectivamente.

De acordo com o autor:

Pais iletrados podem, por exemplo, contar aos filhos histórias de sua infância ou 'causos', ditar uma lista de compras, cantar cantigas para a criança registrar no papel, ensinar a fazer contas de 'cabeça', se souberem. Por outro lado, não será possível pedir com frequência esse



tipo de apoio a pais que trabalham fora o dia inteiro e só chegaram em casa à noite, quando as crianças já estão dormindo (PINHEIRO, 2009, p. 39).

Evidentemente, esses papéis devem ser ajustados às condições reais: não faz sentido solicitar que pais não letrados ajudem seus filhos na escrita das lições de casa, mas é perfeitamente possível quando se trata de famílias de classe média. Mas isso não significa que nada se possa exigir das famílias mais pobres, ou analfabetas.

Os problemas de dificuldade de aprendizagem no ensino fundamental é um fato incontestável para qualquer observador. As crianças de classe baixa são as mais atingidas diante das carências econômicas, muitas crianças nessa fase precisam ajudar os pais na renda econômica.

A interação entre o acompanhamento efetivado pelo psicopedagógico e a família tem grande relevância, já que essas instâncias educam e buscam soluções para os problemas de aprendizagem e problemas escolares.

Os educandos necessitam de um acompanhamento de suas atividades escolares, levando em conta que as crianças enfrentam todo tipo de cobrança da família por um bom desempenho escolar, tendem a constituir uma situação de fragilidade psicológica que acaba dificultando o seu progresso.

O conflito se estabelece quando a criança se encontra em uma situação normal em que lhe são oferecidas as condições ideais para o progresso nos estudos. Os pais tendem a questioná-las veementemente.

Na visão de Minuchin (1990):

Quando se instala na criança uma ansiedade, geralmente ocasionada pelo excesso de visão crítica dos pais na avaliação do desempenho dos filhos. O alto nível de exigências quanto à realidade da escola, tornam a criança perceptível a sentimentos de ansiedade que algumas vezes, tende-se à necessidade de tratamento psicopedagógico (MINUCHIN, 1990, p. 143).

Crianças com problemas de aprendizagem, muitas vezes reprovam pela falta de orientação da família nos deveres de casa, nas dificuldades nos exercícios, nas dúvidas etc. Há casos de pais que querem acompanhar seus filhos nos estudos, mas nem sempre podem fazê-lo, por se sentirem incapazes de ensinar conteúdos por lhes faltar o conhecimento. Outros pais, não conseguem estabelecer com a criança uma conduta adequada para motivá-la e



incentivar a sua adaptabilidade na escola. Mas há casos de pais que não se comprometem com atitudes educativas com a criança, transferindo à escola as responsabilidades do desempenho escolar (SZYMANSKI, 1999).

Um dos fatores que mais motivam a criança é o interesse dos pais no desempenho do ano letivo, na cobrança afetiva de suas responsabilidades, no interesse pelo aprendizado e desenvoltura nas tarefas escolares.

Não é raro caso de crianças que necessitam de tratamento psicopedagógico, principalmente, nos diagnósticos de alunos que apresentam inquietação e surtos momentâneos de falta de atenção e que “se reprovam” para chamar a atenção dos pais.

Capra (1997, p. 37) afirma que:

Algumas crianças têm deficiências que determinam o fracasso no processo de aprendizagem: deficiências visuais, compreensão superficial; por falta de pensamento reflexivo ou de capacidade de raciocínio; desinteresse criando o problema do aluno distanciado; ausência de atenção voluntária, ou dificuldade de manterem-se atentos numa situação de esforço; indução rápida demais, tendo como consequência conclusões apressadas; maturidade para certas noções exigidas; falta de objetivação suficiente; falta de método especializado, etc. (CAPRA, 1997, p. 37).

Assim, nem toda criança está prontamente preparada para aprender, são tantos muitos os desafios enfrentados pela escola, como instituição formadora em todo o aparato educativo que muitas instituições não apresentam condições estruturais para a realização de um trabalho mais eficiente pela carência de profissionais de psicologia e psicopedagogia que possam auxiliar os docentes a desenvolver intervenções ou mesmo dar indicações às famílias sobre as necessidades específicas dos educandos.

Em todas as esferas de interferências em relação aos problemas de aprendizagem requerem acompanhamento e a orientação dos pais, no sentido de dar suporte ao diagnóstico das causas do problema de aprendizagem.

AS TICS COMO FERRAMENTAS DE PARCERIA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Segundo alguns pesquisadores acerca da tecnologia, estes vem apontando que o mau uso das mesmas, tais como telefone, tablete, internet estão



interferindo diretamente nas relações familiares. O uso da internet no dia a dia, cada dia tem se tornado mais comum, fazendo, portanto, parte da vida das pessoas independente da faixa etária. Esses equipamentos, como celular e tablete vem favorecendo para que as pessoas passem a ter mais informações e acesso sem precedentes o que oportuniza para que essa geração faça parte de uma comunicação digital.

A psicanalista Julieta Jerusalinski faz um alerta acerca do que ela denomina como intoxicação eletrônica, o que gera problemas para as famílias da atualidade.

Para a psicanalista a intoxicação eletrônica é o uso sem controle da internet, ela fala que a cada surgimento de uma informação, um conhecimento as pessoas “compulsivamente” procuram estar informadas e isso passou a comprometer mais a partir do momento da internet móvel, estamos com a internet no bolso e acessando interruptamente, temos uma janela virtual acessível e isso interfere no tempo e no espaço da sociedade.

A introdução da TIC no contexto familiar levou a provocar uma alteração das dinâmicas das famílias e passou de uma certa forma obrigara uma readaptação à chegada deste “novo elemento” da família (CARVALHO; FRANCISCO; RELVAS, 2015).

Segundo Blinn-Pike (2009), existe um processo importante a ter em conta a “domesticação das TICs”, ou seja, o processo mediante o qual são introduzidas no contexto familiar as tecnologias novas e desconhecidas. No entanto, este processo é bastante complexo pois desperta ao mesmo tempo sensações de ameaças e excitação, contemplando assim, uma dupla interação: na forma como a família altera o significado e o potencial impacto que a tecnologia provoca e na forma como a cultura e as interações familiares são modificadas.

Desta forma, cabe aos utilizadores dessa tecnologia um papel ativo na sua incorporação dentro tanto do seio familiar como na escola, tornando-as (ou não) aceitáveis nesse contexto.

A conversão da família às novas tecnologias é sinalizada pelas atitudes de utilização, como a localização das TICs em casa ou na escola. Posto isso, existem novos padrões de utilização das TICs a ter em conta, que dizem respeito à multicomunicação, ou seja, atualmente há uma interação simultânea com vários indivíduos ao mesmo tempo, à multiplicidade dos meios, digamos,



atualmente existe uma enorme diversidade de veículos de comunicação na interação com uma mesma pessoa. E a conectividade perpetua, isto é, a necessidade constante de estar contactável em qualquer momento do dia e da noite (intoxicação digital).

Nos últimos anos é fato que a comunicação cara a cara caiu em desuso, passando a ser substancialmente virtual, através de e-mails e telemóveis. Sabe-se que até mesmo a televisão também, vem caindo o seu uso, pois Brito e Dias (2016) constataram, as crianças na idade da educação infantil preferem o tablete (que utilizam sozinhas), notando ainda que o rendimento mensal das famílias não determina as competências digitais.

A utilização das TICs tem revelado uma influência positiva nas famílias que estão longe geograficamente, uma vez que permite que se comuniquem de forma mais rápida e mais econômica. O fato de ver o computador como sendo uma forma de adquirir novos conhecimentos e novas competências, considerando que as crianças que têm computador em casa e os utiliza tem resultados melhores em matemática e em testes de leitura (ATTWELL, 2009).

Muitos pais acreditam que a utilização da internet ajuda e facilita na vida escolar das crianças, uma vez que favoreça na pesquisa para a realização das tarefas de casa e ajuda aprender de uma forma diferenciada.

Já de acordo com os estudos de Williams e Merten (2011), eles mostram que a utilização de computador aumenta o tempo passado em família e melhora a comunicação quando as atividades online são partilhadas entre os pais e as crianças.

Por outro lado, existem as consequências negativas da entrada deste novo elemento no sistema familiar, ao nível da comunicação e da qualidade das relações.

Os mesmos autores supracitados, mostram que os membros da família tendem a isolar-se e a comunicar muito menos. Isso acontece especialmente em famílias com filhos adolescentes, porque apesar de alguns utilizarem a internet para aprender e pesquisar novas coisas, muitos utilizam para divertimento, o uso para jogar, o que está associado ao aumento de conflitos familiares e a menor tempo passado em família.

Por outro lado, também se sabe que a frequência da utilização da internet está relacionada com a qualidade das relações familiares, nomeadamente das



relações com os pais. Há ainda alguns autores que se referem à ausência de modelo de parentalidade acerca da utilização das TICs e às dificuldades que daí são geradas, mas também tem um paradoxo no sentido em que, em frente a novos *ecrãs*² os jovens estão na frente no conhecimento e uso desses, fato que pode situar os pais em clara desvantagem (MESCH, 2006).

A própria escola faz essa mediação com a família quando passa a utilizar as pautas digitais online que auxiliam a família possibilitando acesso a informações sobre o desempenho escolar do aluno bem como toda a rotina escolar do filho em tempo real entre outras.

Inclusive os pais podem chegar a questionar a sua autoridade para exercer qualquer tipo de mediação, pois os filhos passam acreditar que o Google sabe de tudo e chegam a duvidar de seus pais.

É importante referir que muitas crianças e jovens descobrem e usam as novas tecnologias antes dos pais, e que estas são elementos que formam parte quotidiana da sua vida e das suas atividades. Além disso, as crianças apresentam disposições e atitudes face às TIC diferentes dos seus pais. As crianças e adolescentes percebem a internet e os computadores como algo lúdico e divertido, enquanto os pais podem considerar esses meios de comunicação como realidades complexas, vinculadas ao status social.

Portanto, os estudos realizados até o momento estão essencialmente focados em famílias com filhos adolescentes e na utilização da internet, e os resultados mostram-se bastante inconsistentes, pois uns revelam aspectos positivos da utilização das TIC, e outros revelam aspectos negativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade falar em tecnologia é ter como sinônimo: o computador que se tornou tendência, o uso indiscriminado da internet e, posteriormente a ligação entre redes. No entanto, nem toda tecnologia é relevante à educação, há necessidade de selecionar o que é adequado para a promoção da educação de qualidade.

² ECRÃS – internet, jogos de vídeo, telemóveis etc.



O estudo primou por oferecer informações relevantes e contextuais acerca das tecnologias da informação e comunicação enquanto influência no processo educacional e familiar, que 'exige' tanto da escola quanto da família atenção especial. O desafio da escola coloca-se em promover conhecimento significativo e os recursos tecnológicos conseguem contribuir sobremaneira nessa função.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTWELL, G. et al. **TACCLE: manual de apoio a professores sobre e-learning**. Bruxelas, 2009.

BARRETO, R. G. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1181-1201, 2005.

BLINN-PIKE, L. Technology and the family: An overview from the 1980s to the present [Editorial]. **Marriage & Family Review**, 45(6-8), 567–575, 2009.

BRITO, R.; DIAS, P. **Crianças (0 aos 8 anos) e Tecnologias Digitais**: Um estudo qualitativo exploratório. Palma de Cima, Lisboa: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura Faculdade de Ciências Humanas – UCP, 2016.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARVALHO, J.; FRANCISCO, R.; RELVAS, A. P. **Family functioning and information and communication technologies: How do they relate?** A literature review *Computers in Human Behavior*. 45, 99-108, 2015.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001

CORDIÉ, A. **Os atrasados não existem**: psicanálise de crianças com fracasso escolar. Tradução: Sônia Flach e Marta D'Agord. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LOCH, Ruth Emilia Nogueira. **Cartografia Tátil**: Mapas para deficientes visuais. Santa Catarina, UFSC, 2008.

MESCH, G. S. The Internet and intergenerational relationships. **Social Science Quarterly**, 84, 1038–1050, 2006.



MINUCHIN S. **Famílias**: funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artmed; 1990.

PATTO, M. H. S. (Org). **Introdução à psicologia escolar** (3a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PINHEIRO, Alcyvania Maria Cavalcante de Brito. **Ave sem ninho**: o princípio da afetividade no direito à convivência familiar. Fortaleza: UNIFOR, 2009.

SOUZA, A. P. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**: Universidade Estadual Paulista. São Paulo, n. 44/7, p. 1-8, 2008.

SZYMANSKI, H. **Práticas Familiares e a Constituição da Identidade**. Relatório de Pesquisa: Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação. PUC-SP, 1999.

WILLIAMS, A. L.; MERTEN, M. J. iFamily: Internet and social media technology in the family context. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, 40(2), 150–170, 2011.